

## AS SOCIEDADES MODERNAS

### **META**

Apresentar as principais características das sociedades modernas.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá: compreender a natureza individualista das sociedades modernas.

### **PRÉ-REQUISITOS**

Conhecimento sobre as principais características das sociedades tradicionais.



No sentido horário: GPS; telefone celular; notebook; iPod (Fontes: 1. <http://i194.photobucket.com>; 2. <http://lab.think4.com.br>; 3. <http://www.soprano.sucessightings.com>; 4. <http://iphone2007ipod.files.wordpress.com>).

Os debates em torno do conceito de Modernidade ou Sociedades Modernas têm nos colocado numa verdadeira Torre de Babel, numa barafunda de expressões, deslizamentos semânticos e sentidos ambivalentes. Daí, as dificuldades de conceituação consensual do fenômeno. Entretanto, tentaremos sistematizar algumas características materiais e simbólicas dessa cultura que revolucionou a história da humanidade e que ainda estrutura a parte mais dinâmica da sociedade global.

## INTRODUÇÃO



(Fonte: <http://veja.abril.com.br>).

O que entendemos por Modernidade, do ponto de vista histórico, é a expressão de uma cultura nova, que se estabeleceu de forma hegemônica na Europa a partir do século XVIII e vem se expandindo por vários lugares do planeta. Quando nos referimos a uma cultura nova, o sentido, aqui, não é o de estilo de vida ou mesmo de projetos estéticos, mas de um conjunto de práticas e valores que formam o dever-ser da sociedade em questão.

## MODERNAS

Concordamos com a proposição do sociólogo inglês Anthony Giddens quando ele afirma que a Modernidade expressa a progressiva socialização do mundo natural, sua colonização pelos processos socialmente construídos.

Como já afirmamos, anteriormente, a Modernidade é o lugar da produção industrial, do conhecimento tecnocientífico, do Estado-Nação laico, da reflexividade permanente sobre os mais variados aspectos da vida social e do princípio do individualismo, em relação ao qual faremos um comentário mais específico por considerar que se trata do fenômeno essencial da cultura moderna.

Se recuarmos bastante no tempo, encontraremos os primeiros traços do individualismo na tradição judaico-cristã, na qual se afirma a idéia do Deus pessoal, da alma individual, da criatura como imagem de Deus, da igualdade de todos perante o Criador, da virtude do livre-arbítrio e da criatividade humana.

Mas, apesar desses valores religiosos afirmarem a igualdade dos indivíduos perante Deus, não se observava, ainda, naquele mundo tradicional, a existência desse princípio nas variadas esferas da vida social. Assim, o processo histórico que culminou com a modernidade, sobretudo na Europa, pode ser entendido como um capítulo da afirmação progressiva desse princípio individualista.

Uma das regras mais conhecidas do individualismo moderno é aquela que afirma a igualdade de todos perante a lei. Apesar dos limites dessa regra, na realidade cotidiana, lembremos que esse tipo de valor nunca existira em momentos anteriores. Mas, também po-

demos ilustrar o individualismo de outras formas, entre elas: a mão-de-obra livre, a possibilidade das pessoas escolherem sua própria religião, a autonomia individual na escolha do parceiro para o casamento, a opção pessoal dos caminhos profissionais, a liberdade de expressão etc.

É importante não confundir individualismo com egoísmo. Aquela é uma forma de organizar a sociedade, este é um traço de personalidade individual.

Se observarmos outros aspectos do nosso cotidiano, também encontraremos manifestações do individualismo. Vejamos o caso do exercício da sexualidade. Esta prática é, cada vez mais, uma questão de foro íntimo. As famílias têm pouco controle sobre as escolhas sexuais dos seus membros. Os discursos religiosos exercem pouca influência no exercício dessa dimensão da vida moderna. Existe uma isonomia cada vez maior entre homens e mulheres. O padrão heterossexual já não é visto como o único legítimo.

Nos dias atuais, os vínculos familiares, étnicos, religiosos, ideológicos, estéticos, morais, precisam ser confirmados pelos indivíduos e não apenas impostos pela tradição. Isto porque o pressuposto geral, na modernidade, é que há uma isonomia ontológica entre os indivíduos, ou seja, todos os seres humanos têm os mesmos direitos e as mesmas potencialidades.

É muito importante lembrar que estamos nos referindo a princípios de ordenação da vida social e não a realidades concretas. Sabemos que existem grandes desigualdades entre os indivíduos, como também sabemos que, apesar de já terem sido mais importantes, as famílias e as religiões, por exemplo, ainda exercem bastante poder sobre os seus membros.

Portanto, é importante saber distinguir regra (o que deve ser) e realidade (o que é). Lembremos que o ideal igualitário do individualismo moderno tem sido perseguido por várias sociedades, sobretudo no Ocidente, e tem se concretizado, inclusive, na elaboração de leis que reforçam o princípio da cidadania, onde todos devem ter os mesmos direitos e deveres. O fato de não observar-

mos uma completa igualdade na nossa realidade cotidiana pode significar que ainda estamos muito distantes dos ideais do individualismo moderno.

Além disso, o mesmo Giddens sugere que a Modernidade é uma cultura ambivalente, ou seja, traz consigo uma dupla face: por um lado oferece imensas oportunidades de riqueza, expectativa de vida, tecnologias que melhoram a condição geral de vida etc., mas, por outro lado, traz também conseqüências sombrias como os acidentes ecológicos, potenciais bélicos inomináveis, totalitarismos políticos e outros.

O pensamento clássico, segundo esse autor, parece não ter explorado suficientemente esse duplo aspecto da modernidade e quase sempre variou entre um otimismo exagerado no progresso científico e tecnológico e um pessimismo que pressentia um mundo controlado pela racionalidade instrumental.

Outro aspecto que devemos sublinhar é que a Modernidade não se realizou da mesma maneira e com a mesma intensidade em todas as sociedades em que se adotaram os princípios dessa cultura. Podemos observar sociedades altamente modernizadas, como os EUA, a Inglaterra, o Canadá, a Alemanha, o Japão, a Coréia do Sul, entre outros. Podemos notar, também, sociedades onde a cultura moderna ainda está longe de ser influente, entre elas: o Afeganistão, o Sudão, a Etiópia, o Haiti, o Nepal. Além desses dois extremos, podemos identificar algumas sociedades que poderíamos chamar de **híbridas**, onde a cultura moderna, embora não seja hegemônica, já avançou sobre amplos setores da vida social; é o caso do Brasil, do México, da Argentina, da Índia, da África do Sul e outros.



Cartaz do documentário *Uma verdade inconveniente*, de Al Gore (Fonte: <http://www.planetaeducacao.com.br>).

Assim, a experiência vital de homens e mulheres na Modernidade está mergulhada numa sociabilidade aparentemente contraditória, paradoxal e ambígua, mas que na verdade é ambivalente, pois há riscos e possibilidades, perigos e seguridades, aventura e tédio, confiança e medo, obediências e transgressões, mudanças e permanências.

## CONCLUSÃO

O ensaísta brasileiro Gilberto Kujawski *nos diz* que não é à toa que a tradução desse padrão societal, em alguns ensaios, metáforas e na própria pesquisa social, está sempre a sugerir uma combinação de contrários, como se a Modernidade se assemelhasse a um oxímoro, aquela figura de linguagem em que se combinam termos de sentido oposto, que parecem antagônicos, mas que no contexto acabam por reforçar o sentido da expressão.

A Modernidade é, *na sua estrutura*, esse turbilhão ambivalente. Nela, tudo está impregnado do seu contrário. Daí o equívoco de concebê-la como exclusivamente dinâmica, pois ela é também estática, com suas âncoras simbólicas e materiais, suas “prisões de longa duração”, suas tradições, suas raízes, seus arquétipos, enfim, valores e práticas, antigos e modernos, que se reproduzem e reforçam esse caráter *ambivalente* que estamos a discutir.

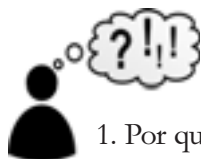
## RESUMO



As sociedades modernas são organizadas a partir de princípios individualistas e apresentam a tecnociência como forma hegemônica de conhecimento, o Estado-Nação laico como principal estrutura da política e a indústria como setor dinâmico da economia. Esse conjunto de características compõe o que podemos chamar de cultura moderna. Esse tipo de cultura se realiza em vários níveis de intensidade em cada país.



(Fonte: <http://halley214.weblogger.terra.com.br>).



## ATIVIDADES

1. Por que a Modernidade é considerada uma cultura nova?
2. Qual a característica das sociedades modernas que lhe chamou mais a atenção?
3. Quais as características do individualismo moderno?
4. O que você entendeu por sociedades híbridas?
5. O que você considera moderno no Brasil?

## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Lembre-se que uma cultura tem o poder de estruturar as ações dos indivíduos que dela participam.
2. Procure identificar quais as características materiais e simbólicas que distanciam a modernidade das culturas tradicionais.
3. Explore as possibilidades de autodeterminação dos indivíduos nas sociedades modernas.
4. Observe como o tradicional e o moderno se relacionam das mais variadas maneiras.
5. Identifique os contrastes existentes nos espaços, valores e práticas desenvolvidos no Brasil.

## INDIVIDUALISMO

*Raymond Boudon*

A noção de individualismo designa em sociologia não a doutrina moral que traz o mesmo nome, mas uma propriedade que alguns sociólogos reconhecem como característica de certas sociedades e particularmente das sociedades industriais modernas: nessas sociedades, o indivíduo é considerado uma unidade de referência fundamental, tanto para si mesmo como para a sociedade. É o indivíduo que decide sobre a sua profissão, que escolhe seu cônjuge. Assume em ‘inteira liberdade’ as suas crenças, suas opiniões. Sua autonomia é maior do que nas sociedades ‘tradicionais’. Evidentemente, trata-se de um estado de direito cuja correspondência com os estados de fato pode ser apenas ideal: mesmo se tenho o direito de opinar e agir como entendo (contanto que as minhas opiniões e ações não firam as proibições oficiais), estarei submetido às proibições oficiosas que me impõe o meio a que pertenço. Entretanto, parece aceitável considerar as sociedades industriais como mais individualistas, no sentido dado aqui à palavra, do que as sociedades tradicionais, pelo menos na medida em que se pode apresentar uma distinção rigorosa entre sociedades ‘tradicionais’ e sociedades ‘modernas’ ou ‘industriais’.



## REFERÊNCIAS

DUMONT, Louis. **O individualismo – uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Rocco, 1985.

GIDDENS, Anthony. **Em defesa da Sociologia – ensaios, interpretações e trélicas**. Tradução de Roneide V. Majer e Klaus B. Gerhardt. São Paulo: Unesp, 2001.

MELLO E SOUZA, Néelson de. **Modernidade – a estratégia do abismo**. Campinas: Unicamp, 1999.